

Meditações metafísicas de René Descartes

Fábio Abreu dos Passos - IPTAN

Doutor em Filosofia – UFMG

E-mail: fabreudospassos@gmail.com

Fone: (32) 3372-3675

Data de recepção: 29/08/2013

Data de aprovação: 30/08/2013

DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 5. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1996 (Coleção Os Pensadores).

René Descartes nasceu em La Haye, no ano de 1596, a cerca de 300 quilômetros de Paris e faleceu no ano de 1650 em Estocolmo. Seu pai, Joachim Descartes, advogado e juiz, possuía terras e o título de escudeiro, além de ser conselheiro no Parlamento de Rennes, na Bretanha. Descartes é considerado o fundador da filosofia moderna e o pai da matemática moderna, além de ser visto como um dos pensadores mais influentes da história da humanidade.

As “Meditações Metafísicas” de Descartes têm como objetivo comprovar a objetividade do conhecimento científico, ou seja, Descartes, com esta obra pretende levar a cabo o sonho que teve no dia 10 para o dia 11 de novembro de 1619, no qual vislumbrou que deveria se unificar as diversas ciências

a partir de um método unificado, isto é, ele deveria ser o responsável por construir a “matemática universal”.

Para alcançar tal intento, Descartes parte do pressuposto de que deveria buscar uma base a partir da qual todo o edifício do saber científico fosse erigido. Portanto, era preciso desvencilhar-se de todos os supostos conhecimentos que até então a ciência dera crédito, tanto de ordem empírica, pois para Descartes é manifesto até mesmo para o senso comum que os sentidos nos enganam, bem como o conhecimento de ordem racional, pois muitos dos conhecimentos obtidos por esta via podem ser frutos de mal emprego da razão.

Assim, Descartes coloca em prática seu método, que havia elaborado em sua obra *O Discurso do Método*, ou seja, confia somente no claro e distinto, ou seja, naquilo que obedece aos dois graus da evidência (por *claro* Descartes compreende a percepção presente e manifesto ao espírito que lhe presta atenção e por *distinto*, ele compreende aquilo que por ser claro, é diferente de tudo o mais, que não contém em si nada do que lhe é claro) para, em seguida, dividir todo o objeto em quantas partes possíveis, partindo das mais simples e, a partir de um encadeamento, às mais complexas, como acontece nas equações matemáticas, que, ao se conhecer os dois ou três termos, não é difícil de se encontrar a incógnita procurada, a exemplo de uma “cadeia de razões”, verificado, ao final se todas foram analisadas.

Descartes leva a cabo seu projeto, dividindo as “Meditações” em seis, tendo como objetivo principal compreender a natureza da alma e de Deus, demonstrando que a alma é algo distinto do corpo, ou seja, procura demonstrar a objetividade do conhecimento científico a partir da subjetividade humana, ou seja, a partir do pensamento.

Descartes começa duvidando de tudo, pois o empreendimento em questão tornava a dúvida necessária, pois pretendia edificar uma “árvore da ciência”, cuja as raízes fossem metafísicas, o tronco a física e seus ramos as diversas artes e ciências. Assim, não era preciso, no entendimento de Descartes, examinar um a um os pré-juízos que outrora dera tanto crédito; para ele, basta minar seu alicerce, que todo o resto do prédio irá ruir conseqüentemente. Nesse sentido, Descartes começa duvidando daquilo que seus sentidos lhe forneciam e, elevando a dúvida, chega a um ponto aparentemente intransponível, ou seja, quanto as verdades matemáticas: como colocar em dúvida o fato de dois mais dois serem quatro, ou que o quadrado possui quatro lados? É necessário lançar mão de um artifício psicológico que fará como que a dúvida se transforme em hiperbólica, ou seja, sistemática e radical, que possa perpassar todos os pseudo conhecimentos, e este artifício é denominado por Descartes como “gênio maligno”, que emprega todas as suas forças em enganar-me, todas as vezes em que realizo operações matemáticas, ou seja, Descartes está colocando em

dúvida a objetividade do conhecimento científico, pois nesses termos, talvez seja possível que a matemática esteja edificada em ilusões e mistificações.

A partir desse método, Descartes chega à primeira verdade da cadeia das razões, verdade que irá fundamentar o conhecimento científico, pois todas as outras terão que possuir suas características, ou seja, de serem claras e distintas. Essa verdade é de caráter subjetivo e aponta para o fato de mesmo estando sendo enganado, uma coisa é manifesta: se me engano, penso; se penso, logo existo. Mas, como sair da subjetividade e alcançar a objetividade necessária ao conhecimento científico, isto é, como sair do pensamento, o qual possui seus modos, como querer e não querer, duvidar, sentir, julgar, para as realidades corpóreas? Como ter a certeza de que a realidade objetiva de uma ideia, sua essência, possui um correspondente no mundo sensível, ou seja, uma realidade atual ou formal, que seja a causa dessa ideia?

Descartes começa essa empreitada compreendendo a necessidade de se comprovar a existência de Deus e que Ele não é enganador. Essa comprovação terá como característica última garantir a existência de fato de qualquer substância, ou seja, seu valor objetivo (a identificação da ideia como o objeto causador) e, portando será o fundamento da objetividade.

As provas que Descartes levanta para a comprovação da existência de Deus, partem do pressuposto da ideia de causa

e efeito: se eu possuo a ideia de um ser infinito, onipresente, onipotente, eterno, perfeito, sendo eu um ser imperfeito, não posso ser a causa de tal ideia, muito menos não posso ter recebido-a dos objetos exteriores, pelo fato de não haver tal correspondente no mundo corporal. Assim, Deus colocou tal ideia em mim como o operário em sua obra, portanto, Deus existe e sua essência coincide com sua existência, pois caso não o fosse, haveria em Deus alguma imperfeição; portanto, a coincidência entre essência e existência, a prova ontológica dada por Santo Anselmo, é retomada por Descartes, não porque meu pensamento assim o determine, mas a necessidade da própria coisa determina o pensamento a conceber Deus dessa forma.

A partir da comprovação da existência de Deus, garantidor da existência de fato de qualquer substância, Descartes procurará provar a existência de corpos físicos, o que se dá pela análise da faculdade de imaginar, que se caracteriza por contemplar a figura de um corpo físico; mas para haver tais ideias são necessárias que elas existam em um corpo diferente de mim, pois não possuo uma faculdade capaz de produzi-las, visto eu ser uma coisa pensante.

Mas como justificar o erro que há na cognição humana? Não há como imputar a Deus tal responsabilidade, pois na ordem do todo, tudo parece ser bom, dada nossa incapacidade de compreender os desígnios de Deus. Portanto, o erro provém

do fato de haver em mim uma faculdade infinita, que se estende além do que pode compreender, ou seja, a faculdade da vontade, cuja operação, para que não haja erros, deve sempre ser precedida pela intelecção, pois a vontade deve deliberar as coisas, ou seja, deve considerar as alternativas possíveis de certas ocasiões que se dão a escolha; assim, os juízos são atos da vontade, mas esta leva ao erro, quando induz os juízos a objetos aos quais ele deveria ser indiferente, pois não possuem os dois graus da evidência, ou seja, a clareza e distinção. Consequentemente, os sentidos não devem formular juízos, pois estes devem se limitar a fornecer as informações no âmbito biológico, ou seja, evitar o que é nocivo e procurar o que benéfico, a partir das informações dadas pela glândula pineal, a qual atesta a conjunção de fato entre alma e corpo.

A obra de Descartes *Meditações Metafísicas* se enquadra no rol dos clássicos da Filosofia Moderna. Portanto, essa obra de Descartes deveria ser visitada por todo pesquisador de filosofia, no intuito de compreender as bases teóricas sobre as quais o racionalismo moderno se alicerçou. Nessa obra, Descartes, ao explicitar o método que ficou comumente conhecido como “dúvida metódica”, procura pôr à prova a possibilidade do conhecimento verdadeiro se fundamentar na experiência sensível, o que nos faz concluir que somente o conhecimento racional é capaz de dotar os homens de verdades apodíticas.